

Título: Gênese e significado histórico do Seminário de Marx (1958-1964)

Autor: Dr. Antonio Rago Filho (PUC-SP)

Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP

A pesquisa se propõe a examinar a recepção do pensamento de Karl Marx (1818-1883) a partir do Seminário de *O Capital* (Marx) (1858-1964), coordenado pelo filósofo paulista José Arthur Giannotti, e seu desdobramento num marxismo adstringido. Descartando a atividade revolucionária, esta analítica, espécie de “socialismo de cátedra”, buscava superar os dogmatismos do marxismo vulgar praticado pela esquerda tradicional, cuja hegemonia era ditada pelo PCB. Focada na análise estrutural de *O Capital* de Karl Marx, o seminário – em que peses as diferenças de seus membros – promoveu uma dada interpretação de viés epistemológico da obra marxiana, que supunha uma divisão em um *jovem* Marx e noutro *adulto*. Creditava um aporte feuerbachiano essencialista na produção do Marx juvenil, uma plenitude originária, nostálgica, utópica de harmonia social. Próximo à “generidade muda” do filósofo Feuerbach. Reconhecia, todavia, a importância do “Marx econômico”, maduro. A investigação do grupo de estudos de Marx – ao circunscrever-se à metodologia inscrita em *O Capital* – imputava empréstimos metodológicos de Hegel nos afazeres teóricos do filósofo alemão. Daí brotou vários arremedos, várias suposições. Uma leitura típica: dois esquemas explicativos que se completam e se entrelaçam, “a perspectiva histórica” e a “explicação sistemática.” A partir daí, o forte acento numa espécie de “tipo ideal”, uma “lógica dialética” transformada em metodologia. Consciente de que “a explicação teórica (categorial) deve ser completada pela análise histórica dos fatores responsáveis pelas configurações sociais particulares.”<sup>1</sup> A perspectiva da totalidade do ponto de vista do proletariado aos moldes de *História e Consciência de Classe* de G. Lukács. Todavia, em oposição ao autor de *O Capital*, Giannotti, um dos principais filósofos do pensamento brasileiro, recusando os lineamentos ontológicos da filosofia marxiana do ser social (um complexo de complexos), constrói uma ontologia regional, no âmbito do trabalho e, acaba por desembocar na versão corriqueira, segundo a qual Marx, distante de seu materialismo, estaria contaminado de utopismo e misticismo lógico. Esse nódulo

---

<sup>1</sup> GIANNOTTI, J. Arthur. A propósito de uma incursão na dialética. In: *Revista Civilização Brasileira* n.º 3. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, julho de 1965, p. 105.

originário o conduzirá, em sua maturidade, já submetido às posições de Wittgenstein (e imputando hermeneuticamente uma “teoria da expressão” no pensamento de Marx) a um universo restrito, sem alternativas fora do capital. O Estado e o mercado vieram para ficar. Ante a aceleração das forças produtivas e fragmentação do trabalho, a solução viria da arbitragem estatal. Com o banimento da revolução, a modernização excludente e subordinada ao capital superproduzido se constitui em nossa única saída. Escapam várias questões dessa analítica: a teoria das abstrações, o estatuto ontológico que orienta o pensamento marxiano (não como *sistema lógico*), o processo autoprodutor da individuação dos indivíduos, a superação do mercado (não só sob a forma privada, mas também a estatal) e todas as formas de politicidade, a emancipação humana geral. Pontos basilares, portanto, dos lineamentos ontológicos expostos nas três grandes críticas ontológicas de Marx: a crítica à filosofia especulativa, a crítica à politicidade e a crítica as formas do capital, modo determinado de vida social e de idealidade.

A trajetória intelectual de Giannotti é muito rica. Já formado, na incerteza do caminho a ser seguido e que se põe ao jovem no mercado profissional, o jovem filósofo recorda que “Quando Granger foi para a França, recomendou meu nome para substituí-lo, e assim entrei para o Departamento como professor assistente, chegando a ter Bento [Prado Jr.] como aluno, o que hoje muito me honra. Mas nessa função não era remunerado, obrigando-me a fazer bicos, quer dando aulas particulares, quer prestando serviços a um tio deputado, Vicente Botta, então eleito. Certo dia passou por minha casa Rodolfo Azzi com a ideia de prestarmos concurso para as vagas de sociologia da educação, que estavam disponíveis nas escolas normais. Prestei, passei e escolhi uma vaga na cidade de Ibitinga, onde tive portanto meu primeiro emprego fixo. [João] Cruz Costa apoiava a ideia, imaginando nos comissionar para a Faculdade o mais depressa possível. No entanto, o novo governador, Jânio Quadros, proibiu qualquer tipo de comissionamento, o que me obrigou a optar por permanecer em Ibitinga. De outro modo, continuaria gloriosamente como professor da Faculdade de Filosofia, sem remuneração e me virando para sobreviver.”<sup>2</sup>

Após o período descrito em Ibitinga, em seu regresso a cidade de São Paulo, Giannotti contando 26 anos de idade embarca para Rennes. Em terra estrangeira, em

<sup>2</sup> GIANNOTTI, J. A. “Entrevista”. *Trans/Form/Ação* n.º 1. Revista de Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Letras. Assis/SP: Departamento de Filosofia, 1974, p. 27.

Paris, aproxima-se das concepções e críticas à burocracia soviética desenvolvidas por Cornelius Castoriadis e Claude Lefort, militantes trotsquistas que dirigiam a revista *Socialisme ou Barbarie* (1949-1965). Esta nova fase de intensa investigação filosófica foi também momento de incursão na política anti-stalinista, que, na continuidade do relato de seu itinerário, descreve com minúcias a riqueza das experiências vividas: “Em 1955, houve um concurso para professor de filosofia, e por meio dele consegui voltar para São Paulo – para dar aulas no Colégio Brasília Machado – e assim voltar também para a Faculdade de Filosofia. Logo em seguida, porém, em 1956, uma bolsa da Capes para ir à França, onde fui estudar com Granger, em Rennes. Lá passei o primeiro ano escolar, tive o imenso privilégio de conhecer [Victor] Goldschmidt, e comecei a praticar, na linha de [Martial] Guérout, uma história da filosofia que me distinguiu claramente do núcleo dominante da filosofia francesa da época, mergulhada no existencialismo. Mas isso não me impediu de, graças a Lefort, participar também do grupo *Socialisme ou Barbarie* — o que me imunizou contra qualquer espécie de stalinismo. Foi nesse grupo que conheci Castoriadis e outros. Ao mesmo tempo, continuei a seguir, na École Normale de Saint-Cloud, os cursos de Guérout, e, na École Normale da rue D’Ulm, segui cursos de Vuillemin. Em Rennes e em Paris fiz um círculo de amigos, dos quais ainda conservo Claude Imbert. Também ia, sistematicamente, assistir aos cursos de Merleau-Ponty no Collège de France – depois dos quais muitas vezes íamos todos, inclusive Merleau-Ponty, para o apartamento de Lefort, onde continuávamos as discussões. Me foram dadas, portanto, grandes oportunidades. Creio que vivi na França uma situação única, pois não fui simplesmente, como a maioria dos bolsistas, jogado sem rumo na massa de estudantes da Sorbonne”.<sup>3</sup>

Com este rápido percurso, fazendo as mediações necessárias, Giannotti de um salto se depara ainda na França, com o competente filósofo Gilles-Gaston Granger e passa a praticar a metodologia de Martial Guérout, autor reconhecido entre nós por levar às últimas conseqüências a exegese rigorosa das obras filosóficas. Há que registrar, de outra parte, como elemento fundamental da contribuição de Giannotti ao ensino de filosofia em nosso país, a prática exemplar extraída do rigorismo dos filósofos franceses Granger e do professor da Faculdade de Letras de Rennes, Victor

---

<sup>3</sup> IDEM, *ibidem*, p. 93-94.

Goldschmidt, autor da pequena e densa obra *La Religion de Platon*, de 1949, a orientação certa da perquirição por meio da exegese dos textos examinados.

Hesitando se permanecia ou não na vida universitária parisiense, Giannotti recorda a rígida resposta da missiva do mestre Cruz Costa: “É interessante lembrar que, em 1958, quando devia voltar para o Brasil, depois da estadia na França, escrevi a Cruz Costa, perguntando-lhe se então teria emprego, pois me era possível permanecer na França. Por carta, recebi um sabão enorme, já que era de praxe tomar a prestação de serviços na Universidade como uma honra. Terminei voltando, no lugar de Gilda de Mello e Souza, que tirara licença.”<sup>4</sup>

O seu interesse pela filosofia de Husserl foi favorecido por Cruz Costa<sup>5</sup>, autor de *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, profundo conhecedor da história da filosofia e do positivismo comtiano, que instigava o jovem professor para que ele se preocupasse com nossa própria realidade. Nesse sentido, sua narrativa deixa claro: “Quem me deu a tradução das *Investigações lógicas* — meu alemão na época era péssimo — foi Cruz Costa, apesar de achar que eu estava traindo a linha de investigação positivista da história da filosofia brasileira que ele tinha iniciado, e de dizer abertamente que o seu verdadeiro discípulo era Ruy Fausto. Mas cabe lembrar que Cruz Costa exerceu sobre mim uma influência profunda, me ensinando a desconfiar das elucubrações metafísicas e a colocar o pé na realidade brasileira. Durante vários anos freqüentei sistematicamente sua casa e sua biblioteca.”<sup>6</sup> E, como apreço ao denodo do mestre, confirmando essa referência filosófica, com as dores do sofrimento da perda do amigo, Giannotti relembra sua importância como professor e âncora intelectual: “Não havia reflexão [em suas aulas] que não tentasse agarrar o cotidiano muito nosso. Os estudantes mais pernósticos e comprometidos com a ideia de rigor acadêmico reclamavam, mas iam ficando, tomando gosto pela conversa descobrindo, além da

<sup>4</sup> IDEM, *ibidem*, pp. 92-93. Gilda de Mello e Souza é sabidamente conhecida como crítica literária com a obra *O Tupi e o Alaúde: uma interpretação de “Macunaíma”*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

<sup>5</sup> O filósofo J. Cruz Costa construiu uma obra singular de estudos da disseminação das idéias filosóficas no Brasil. Ainda que insistisse na ausência de uma filosofia brasileira, legou-nos várias obras em que destacava a contribuição de autores como Silvio Romero e Euclides da Cunha, por exemplo. Para tal ver especialmente as obras *A Filosofia no Brasil* (P. Alegre: Livraria do Globo, 1945) e *Panorama da História da Filosofia no Brasil* (S. Paulo: Cultrix, 1960). Em 1951, o filósofo publica na Coleção da *Revista de História*, dirigida pelo amigo Eurípedes Simões de Paula, o pequeno livro sobre a filosofia positivista denominado *Augusto Comte e as Origens do Positivismo*.

<sup>6</sup> IDEM, *ibidem*, p. 94.

grande discussão entre os filósofos consagrados, a possibilidade de refletir sobre opções que eram nossas, que faziam parte do que poderia ser uma cultura nacional, apreendendo enfim, a levar a sério as opções que se estavam tramando neste estranho período de liberdade e fermentação que foram os anos de 1945 a 1964. Sem Cruz Costa a nova geração que começa a ocupar os postos da filosofia paulista não seria o que é, não teria encontrado a ponte entre o ensino francês, que vindo pronto de fora punha em perigo as possibilidades de nosso enraizamento, e a tradição portuguesa do soldado prático, ao mesmo tempo gatuno e pensador.”<sup>7</sup>

Quando de sua passagem em França, Giannotti tinha a pretensão de desenvolver uma tese sobre a noção de *conceito* na lógica formal. Polemizando com Goldschmidt e Granger, se convence ainda mais da importância da obra de Husserl. “No entanto, logo que saiu o livro de Suzanne Bachelard sobre a lógica de Husserl, descobri que meu problema era bem mais complicado do que imaginava. Era preciso lidar com a toda a lógica contemporânea, o que escapava de minha competência.”<sup>8</sup>

É, portanto, com estas questões e concepções que o envolvem em seu trabalho filosófico – sem se esquecer das aproximações políticas feitas com o grupo de Castoriadis e Lefort, a atenção aos ensinamentos de Merleau-Ponty –, que Giannotti, em seu retorno da França, reunindo jovens professores assistentes e alguns alunos, propõe-se e passa a edificar o grupo de estudos de *O Capital* de Karl Marx.

### **O Seminário de estudos sobre *O Capital* de Karl Marx**

Em 1958, surge a articulação do grupo de intelectuais que se debruçará sobre *O Capital* de Karl Marx, mas não só esse autor, pois, se debruçaram também sobre as obras de Keynes, Rosa Luxemburgo, Schumpeter, Weber, Hilferding, entre outros, e que se prolongará até o ano do golpe de Estado de 1964. José Arthur Giannotti revela, sem pestanejar, suas intenções – a busca de uma metodologia dialética no interior das formulações marxianas –, tratando de ajustar o seu devido peso na história da esquerda brasileira. Segundo o filósofo de São Carlos: “Esse seminário se tornou um *mito* e, em

<sup>7</sup> GIANNOTTI, J. A. “João Cruz Costa (1904-1978)”, *Discurso* n.º 9. Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, 1979, p.7.

<sup>8</sup> GIANNOTTI *apud* REGO, J. M. & NOBRE, M. *Conversas com filósofos brasileiros. In Op. cit.*, p. 94.

função disso, foram esquecidas suas limitações e suas imprecisões. Ora, tratava-se simplesmente de um grupo de estudos. Quando voltei da França, a gente costumava ir aos sábados à casa do Fernando Henrique Cardoso e, como eu mesmo *já estava muito interessado em ter uma visão crítica do marxismo* – sem deixar de ao mesmo tempo absorvê-lo –, propus que armássemos uma análise geral dos textos marxistas contemporâneos. Ao que Fernando Novais replicou, lembrando que até agora nenhum de nós tinha lido Marx direito. Cabia ler o próprio Marx e foi o que fizemos. Comecei com a análise do primeiro capítulo d’O *capital* e me lembro que ela já foi motivo de uma polêmica com Bento, pois ele, como bom sartriano, queria encontrar ali uma *antropologia fundante*. Eu criticava essa antropologia e puxava a interpretação para o *plano da lógica*. O seminário era variado, somando pontos de vista diferentes, cada um trazendo sua própria experiência. Depois do seminário, jantávamos e discutíamos política brasileira.”<sup>9</sup>

Um dos raros estudos sobre a trajetória desse grupo de estudos se encontra na tese doutoral de Bernardo Sorj – ainda que este autor não esteja centrado no Seminário de Marx – que situa e busca compreender os propósitos e frutos dos seminários, desde as suas origens, seus desdobramentos com o fito de estudar a formação e consolidação do CEBRAP. Dispondo que “na atmosfera particular da USP, como expressão de uma maior radicalização política dos jovens professores e estudantes, mas dentro das regras do trabalho acadêmico rigoroso, surge em 1957 (sic) o Seminário de Marx, do qual vários membros terão posição central no CEBRAP”.<sup>10</sup>

A resposta à vulgata marxista dos anos 1960 – o destino trágico da filosofia de Marx nas mãos do stalinismo, em especial aos dogmas desenvolvidos pelo PCB e sua dissidência, com o seu rebaixado padrão teórico e, como consequência, a prática caudatária derivada do seu taticismo político –, foi a criação do grupo; mas também como acentua Francisco Weffort, foi uma particular entrada do pensamento marxiano no universo acadêmico. Uma vez que “(...) marginal na política, Marx entra na

<sup>9</sup> IDEM, *ibidem*, p. 95. Grifos nossos.

<sup>10</sup> SORJ, Bernardo. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. Da resistência à ditadura ao governo FHC. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.16. Veja a data de 1957 como fundação do Seminário de Marx. O autor era diretor de estudos associado na École des Hautes Études em Sciences Sociales em Paris, quando fez em 1984, o estudo sobre o CEBRAP nos anos 70. Para tal, contribui com uma breve história do Seminário de Marx e se baseia em alguns depoimentos dos participantes dessa história. Recorde-se que o CEBRAP foi criado em 3 de maio de 1969.

universidade também pela margem. Nessa época, em São Paulo, um grupo de jovens se reunia, de quinze em quinze dias, para ler *O Capital*. Alguns eram auxiliares de ensino, outros ainda estudantes: Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti, Paul Singer, Octávio Ianni, Roberto Schwarz, Fernando Novais, Bento Prado Jr., Leôncio M. Rodrigues etc. Investiram nisso três anos de regular e metódico esforço de leitura. Poderia haver algo mais saudável na academia? Não por acaso, muitos dos que passaram por Marx são hoje figuras notáveis na universidade, alguns deles, aliás, já vendo o velho mestre como netos costumam ver os avós.”<sup>11</sup>

No entanto, a descrição feita por Weffort deve ser retificada, pois, como salienta Bernardo Sorj, trata-se de uma nova composição agregada ao grupo originário. Desse modo, o sociólogo esclarece que “Num artigo escrito em 1959, de fato o primeiro esforço de síntese das discussões filosóficas que tiveram no Seminário, Giannotti indica que ‘o presente trabalho é fruto da leitura feita juntamente com Ruth Corrêa Leite Cardoso, Fernando A. Novais, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Michel Levy (leia-se: Michael Löwy), Octávio Ianni e Paul Singer, tendo sido suas conclusões grandemente influenciadas pelos debates havidos...’ (Giannotti, 1960: 60). Embora o núcleo original do Seminário tenha permanecido constante, ao longo dele novas pessoas se integraram a esse grupo. Assim, a lista de Giannotti reflete o núcleo original e a de Weffort é mais tardia. Devemos, ainda, agregar aos nomes incluídos os de Ruy Fausto, Juarez B. Lopez e Sebastião da Cunha.”<sup>12</sup>

O sociólogo Bernardo Sorj é categórico ao afirmar que, após seu retorno da França, “o mentor da ideia de formar um grupo de leitura rigorosa de *O Capital*”, o verdadeiro criador do Seminário de Marx foi o filósofo José Arthur Giannotti. Ou na reafirmação dessa necessidade que o filósofo se voltava à compreensão da obra marxiana por meio de uma “crítica estrutural”, uma leitura interna à complexidade e riqueza do autor de *O Capital*: “Se levarmos em conta o extraordinário florescimento atual das ciências do homem, dificilmente cada pessoa seria capaz de dominar de uma forma crítica todos os terrenos explorados por Marx. Tendo isto em vista é que nos reunimos num grupo heterogêneo, que nos permitisse caminhar com certa segurança no interior dessas ciências, mas que nos custou horas a fio de irritantes discussões a fim de

<sup>11</sup> WEFFORT, Francisco C. *apud* SORJ, B. *Op. cit.*, p. 17. Ver *Revista Isto É*, 9 de março de 1983.

<sup>12</sup> SORJ, Bernardo. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. In *Op. cit.*, p.17.

chegarmos a um vocabulário comum. Entretanto agora, depois de mais de um ano de seminários quinzenais, todos sentimos que estamos adotando uma nova maneira de compreender Marx e os problemas de nossa sociedade estudados por esse autor, o que sem dúvida deverá produzir seus frutos.”<sup>13</sup>

Em outro estudo relevante, Milton Lahuerta também ressalta o papel do filósofo de São Carlos, consagrando-lhe como o fez Gerard Lebrun, num altar de sofisticada reflexão: “É importante dar destaque à influência filosófica de Giannotti no grupo de leitura de *O Capital*, com sua conseqüente ênfase metodológica, pois ela funciona como uma espécie de atestado do rigor intelectual do empreendimento (...), mas num registro que efetiva a demarcação de uma ruptura com o ecletismo metodológico. Para eles, (os intelectuais do grupo de estudos de Marx) rigor significava exercício de raciocínio dialético, com sua ênfase na totalidade, com a busca das múltiplas determinações, com a preocupação em estabelecer as mediações etc. Nesse sentido, elaboram um movimento de renovação dentro do marxismo ocidental tão ou mais rico do que o empreendido por Althusser e vacinado antecipadamente para o excessivo estruturalismo de sua leitura. Ou seja, ainda que seu esforço – pela inspiração marxista e pela forte preocupação com a dimensão metodológica – tenha semelhanças com o realizado pelo grupo de Louis Althusser, ela acaba sendo mais abrangente por sua preocupação ontológica e pela intensa interlocução com as ciências sociais e com a interpretação do Brasil.”<sup>14</sup>

Essa relação desses intelectuais que freqüentavam o Seminário de Marx com a Universidade de São Paulo é examinada por outro intelectual uspiano, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, em entrevista dada ao próprio Bernardo Sorj: “Na criação do grupo d’*O Capital*, reflete-se a relação contraditória do grupo com a USP. Por um lado, a maioria, senão a totalidade, eram membros docentes ou discentes da USP. Neste aspecto, reflete a USP no sentido que formavam um grupo de pessoas bem capacitadas e em condições de realizar um trabalho sério e sistemático, de procura e aprendizagem intelectual. Por outro lado, a USP apresentava claras limitações pelo posicionamento científico eclético, na medida em que o grupo do seminário acreditava que Marx devia

<sup>13</sup> GIANNOTTI *apud* SORJ, B. *In Op. cit.*, p. 17-18.

<sup>14</sup> LAHUERTA, Milton. “Marxismo e vida acadêmica: os pressupostos intelectuais da crítica uspiana ao nacional-desenvolvimentismo”. *In* BASTOS, Elide Rugai *et al.* *O moderno em questão*. A década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008, p. 327.

ocupar uma posição particularmente privilegiada. Mas não se trata de um corte puramente intelectual. É também o primeiro esforço de reflexão coletiva com participação igualitária, independentemente de posições na hierarquia acadêmica.”<sup>15</sup>

FHC salienta ainda que, nesse período, estudava autores de variados matizes, como Mannheim, Weber, Durkheim e que, no fundo, a doutrina de Marx passava ao largo deles, sendo bastante desconhecida, mesmo que estivessem ligados à revista *Fundamentos* e a militância juvenil de alguns deles no PCB. “Nossa visão provinha do funcionalismo (Talcott Parsons e Robert Merton), a bíblia do Florestan naquela época. Eu tinha tido participação política nos anos 1951, 1952, na revista *Fundamentos*, ligada ao partido Comunista como Caio Prado Jr. e Fernando Pedreira que era casado com a Renina Katz. (...) Elias Chaves Neto era realmente quem tocava a revista *Fundamentos*, uma revista cultural, de alguma forma influenciada pelo Partido Comunista. Marx, para nós, era uma referência vaga, não era livro de texto da faculdade.”<sup>16</sup>

Segundo FHC, ter lido (ou não) Marx não era credencial para se identificar com militância de esquerda. Passada a fase das decepções com a divulgação dos crimes stalinistas em 1956, após o XX Congresso do PC da URSS: “Na verdade, a decepção com o mundo comunista ocorria por ondas nas gerações de intelectuais. O ciclo de uma nova geração se entusiasma utopicamente, depois vem a decepção. (...) Então, quando nós fizemos o Seminário do Marx, já tínhamos passado por essa decepção, e não tínhamos nenhuma ligação política.”<sup>17</sup> FHC ainda esclarece a sistemática dos encontros e das leituras: “O *Seminário* começou na segunda metade dos anos 1950 (em 1958), e acontecia nas casas dos participantes. Éramos assistentes da faculdade (nessa altura eu já era assistente do Florestan e não mais do Bastide que regressara à França), e nos juntamos para ler o texto do Marx. Era uma leitura rigorosa, e tinha um elemento essencial: um jantar. O grupo inicial foi composto pelo José Arthur Giannotti, o Octávio Ianni, o Paul Singer, a Ruth Cardoso, o Bento Prado, eu [FHC] e o Fernando Novais. Depois foi aumentando: vieram, entre outros, o Roberto Schwarz e o Francisco Weffort,

<sup>15</sup> CARDOSO *apud* SORJ, B. *In Op. cit.*, p. 18.

<sup>16</sup> IDEM, *Ibidem*. O autor reverencia o amigo e professor Florestan, mas especifica que ambos nunca foram, de fato, militantes políticos. E que Florestan reconhecia em Marx “(...) como uma das abordagens para se analisar os processos de mudança de longo prazo”. CARDOSO, F. H. “Entrevista”. *In Conversas com sociólogos brasileiros*. NOBRE, M. e REGO, J. M. (orgs.). São Paulo: Editora 34, 2006, p. 75.

<sup>17</sup> CARDOSO, F. H. “Entrevista”. *In Op. cit.*, p. 76.

que eram meus alunos. Durou muitos anos e nós lemos todo *O capital* e também *História Crítica da Economia*, o que não era pouca coisa. A minha tese de doutoramento [*Capitalismo e Escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul* (1962). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003] foi consequência disso, assim como a do Fernando Novais, a do Giannotti e a do Ianni. Tudo aquilo foi muito importante para nós. Defendi a tese em 1961, portanto a escrevi durante o período do seminário, a partir de uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul”.<sup>18</sup>

FHC transmite uma diferença essencial no que tange às posições filosóficas dos protagonistas do *Seminário*, ao mesmo tempo em que confessa seu ecletismo metodológico. “Para Giannotti, por exemplo, tudo derivava do conceito, o *conceito de capital*, o *conceito do trabalho*. Para nós, sociólogos, a discussão conceitual não é tão decisiva assim, há sempre a preocupação com as referências à ‘realidade’. Mas, (...) se não tivesse havido o *Seminário*, eu escreveria de modo diferente o livro *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. Bastide publicou uma resenha nos *Cahiers de Sociologie* dizendo ‘esse livro não podia ter sido escrito na Europa’, pois lá não se mistura Weber, Marx e Sartre. É uma abordagem muito eclética”.<sup>19</sup>

Em “Relendo papéis antigos”, o novo prefácio à 5.<sup>a</sup> edição de *Capitalismo e Escravidão no Brasil meridional*, obra editada em 1962, FHC aponta os traços metodológicos que se valia à época, apropriando-se do marxismo do filósofo húngaro G. Lukács – extraído deste o conceito de “totalidade” e o “ponto de vista do proletariado” da célebre *História e Consciência de classe* – segundo a qual “(...) a ideia de que só o proletariado pode entender criticamente o funcionamento da sociedade capitalista, lançando mão dos conceitos que a desvendem e desmistifiquem. Isso porque, ao entendê-la a partir da consciência de sua posição de classe (compreendendo como o capitalismo se baseia na exploração do que Marx chama de mais-valia relativa) o proletariado pode ao mesmo tempo agir para mudar sua posição na sociedade, e mudar a de todos. Não propondo uma sociedade na qual ele domine, mas na qual

<sup>18</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. Entrevista. In: *Retrato de grupo – 40 anos do CEBRAP*. São Paulo: CEBRAP, 2009, pp. 23-24.

<sup>19</sup> CARDOSO, F. H. “Entrevista” In *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 77-78.

desapareça a dominação de classe. Assim, seu interesse particular motiva a ação política que pode criar uma sociedade melhor para todos”.<sup>20</sup>

Fernando Henrique revisa sua análise mostrando sua aderência um tanto inadequada às conceituações lukacsianas, particularmente nas comparações entre os papéis do escravo e do proletariado, lembrando que Florestan Fernandes o havia alertado para essa questão, “(...) quando iniciamos o ‘Seminário de Marx’, que a leitura de Lukács distorcesse as ‘análises empíricas’ que ele tanto prezava. Na ocasião, as observações do mestre surpreenderam-me. Hoje, entendo sua apreensão: o brilhantismo de Lukács poderia levar-nos a análises mais abstratas e conceituais do que à reconstrução histórico-estrutural dos processos que pretendíamos esclarecer. Na época, entretanto, tanto Lukács como Sartre foram o oásis que nos permitiu escapar do marxismo vulgar cujo mecanicismo nos assustava.”<sup>21</sup>

É bom lembrar também que os vizinhos da rua Nebraska, no bairro paulistano do Brooklin, Florestan e Fernando Henrique, se encontravam quase que diariamente por conta do discípulo possuir telefone, “coisa rara naquele tempo. Então, Florestan ia todos os dias a minha casa para telefonar e ficava lá”. Numa dessas ocasiões, FHC lhe apresenta sua tese que não é bem recebida: “bem, quando o Florestan leu a tese, o prefácio, que era pedante e fazia muita crítica ao funcionalismo, disse-me que não aceitava o texto. (...) Florestan não gostava do Seminário de Marx.”<sup>22</sup>

O *núcleo duro* do Seminário de Marx era constituído por José Arthur Giannotti, Fernando Antonio Novais, Ruth Cardoso, FHC, Octávio Ianni, Paul Singer. Uma figura que a maioria do grupo revela sentimentos afetuosos, talvez como o predileto do grupo, é a do filósofo Bento Prado Jr. Bento entra na Faculdade de Filosofia da USP, em 1956,

---

<sup>20</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. “Relendo papéis antigos”. In: *Capitalismo e Escravidão no Brasil meridional*. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. 5.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 10-11.

<sup>21</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. “Relendo papéis antigos”. In: Op. Cit., p. 11. É bom que se esclareça que o próprio autor valeu-se de autores como Parsons, Merton, Weber, não apenas Marx, porquanto “Isto, que pode parecer ‘ecletismo’ aos marxistas teológicos, era usual entre os que foram alunos e trabalharam com Florestan Fernandes. A paixão pelo conhecimento, a pachorra da análise, os tormentos da síntese não respeitavam as ‘escolas’ político-filosóficas. Podíamos até tê-las, mas éramos, como sou em quase tudo hoje, heréticos e antifundamentalistas”. (CARDOSO, 2003: 13)

<sup>22</sup> CARDOSO, F. H. “Entrevista”. In *Conversas com Sociólogos Brasileiros*. BASTOS, E. Rugai, ABRUCIO, F., LOUREIRO, M. Rita e REGO, J. Marcio. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 77.

tendo militado na Juventude Comunista nesse período<sup>23</sup>. Quando cursava o Colégio Roosevelt, em verdade, no primeiro ano, presenciou uma cena de repressão na Praça da Sé. E este ato o indignou ao ponto de ser seduzido para a entrada nessa esquerda juvenil. Bento Prado Jr. não fez parte daquele “núcleo duro”. O grupo contava também com estudantes como Michael Löwy e Roberto Schwartz que foi aluno de FHC. Para quem, “o seminário foi quase uma pós-graduação. Qual era o seu sentido? Primeiro quem dava o tom acadêmico e de rigor era o Giannotti. Cada um lia numa língua diferente, ao mesmo tempo, para cotejar, mas não era por espírito de religião política, era por religião acadêmica, rigor acadêmico. Eram discussões infundáveis, cada um com sua especialidade: um era historiador, outro antropólogo, outro economista, outro sociólogo, outros tinham vivência política, outros tinham vocação literária ou filosófica. Era como se um *college* inglês: havia a convivência intelectual e depois o jantar. A convivência nos tornou muito próximos e teve uma influência direta na elaboração das nossas teses de doutoramento, em todos nós, inclusive na do Giannotti.”<sup>24</sup>

Uma questão importante a ser explorada reside precisamente nas razões do escanteamento de Florestan Fernandes, uma das figuras proeminentes no âmbito da pesquisa científica, do ensino da sociologia e do marxismo da USP. Radicalizando cada vez mais suas posições políticas no âmbito revolucionário. O que importa grifar, para além de sua exclusão, são as influências teóricas que Florestan detecta em seus colegas e antigos alunos: “Os meus assistentes traziam consigo ventos novos, que vinham principalmente da França ou da Inglaterra. Eles haviam sido meus alunos e me respeitavam: o que eu lhes dera, porém, fora um mero ponto de partida e o respeito, para ser mantido, deveria ser continuamente reconquistado. No processo de auto-afirmação psicológica e científica, eles impunham, claramente, o peso da renovação que eles configuravam, graças a Lukács, primeiro, a Sartre, em seguida, a Goldmann, mais tarde, e a uma pletora de leituras menores, em que se confundiam a ‘nova esquerda’, a

---

<sup>23</sup> Bento Prado Jr. revela a influência da parte do pai que era professor, filólogo, crítico literário e tradutor, tendo estudado matemática com Quine. “E, em segundo lugar, a militância na Juventude Comunista”, daí a militância com Maurício Tragtenberg, Paul Singer e Roberto Schwarz, na Juventude Socialista, ainda nos tempos do secundário. Ver PRADO JR., Bento. “Entrevista”. In *Conversas com filósofos brasileiros*. Op. cit., p. 199.

<sup>24</sup> CARDOSO, F. H. “Entrevista”. In *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 76.

‘contracultura’ e os principais representantes mais recentes da sociologia européia ou norte-americana. Apesar das pequenas diferenças de idade, eles surgiam diante de mim e dos estudantes como a nova geração. Eu não dispunha de tempo para retomar leituras maciças ou para aprofundar os meus conhecimentos sobre os expoentes das novas tendências filosóficas, sociológicas e socialistas. Por sua vez, os meus colegas mais jovens não simplificaram as coisas para mim. Eles constituíam um círculo de estudos, por exemplo, no qual se associaram sociólogos, economistas e filósofos, que começaram por uma análise dos textos de Marx. Eu me vi excluído.”<sup>25</sup>

Ao responder sobre a questão de como o marxismo foi sendo aceito na Universidade de São Paulo, o historiador Fernando Novais explica que o Seminário de Marx foi importante na fermentação dessa teoria no interior da USP, todavia havia outras contribuições. Uma delas credita aos cursos do sociólogo Florestan Fernandes, “(...) que ensinava um marxismo que não era de cartilha. Isso cruzou com as pessoas que formaram posteriormente o grupo do Seminário Marx, pois todos eram alunos de Ciências Sociais e Filosofia; eu era o único de História.” O jovem Paul Singer conhecia a língua alemã. Todavia, “Quem deu o tom inicial do grupo foi o Giannotti, que insistia nessa questão da *leitura filosófica* de Marx. Cada um de nós tinha um ângulo de leitura, mas o que o Giannotti queria, com razão, era fazer uma conversão ao texto. Isso dava lugar a erros, pois havia quem entendesse isso como adesão ao marxismo. O Giannotti explicava: ‘Vocês não entenderam o que é *conversão ao texto*; conversão ao texto é você fazer a leitura do seu próprio ponto de vista. Por que é diferente de um filósofo, de um cientista? Para o filósofo, o ponto de vista é tudo, essa é a razão’, era o tal do método do Martial Guérault. No início, o funcionamento de grupo era irregular e a liderança mais ou menos aceita por todos era de Giannotti, pois era quem tentava disciplinar os encontros. Uma das pessoas resistentes a essa disciplina era justamente Fernando Henrique. As reuniões alternavam-se nas casas dos participantes, e depois sempre tinha um bom jantar; provavelmente por isso eles seguraram os encontros por tanto tempo. Havia debates áspers às vezes.”<sup>26</sup>

<sup>25</sup> FERNANDES *Apud* BORJ, B. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo. In Op. Cit.*, p. 1977, p. 18-19.

<sup>26</sup> NOVAIS, F. *apud* REGO, J. M. & MORAES, J. G. Vinci de. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002, p.125-6. Grifos nossos.

Na visão de Bernardo Sorj há que reconhecer a relevância dos temas desenvolvidos assim como dos cientistas sociais que foram resgatados pelo *Seminário*. Por esta razão, considera *Origens da Dialética do Trabalho*, empreendimento individual de Giannotti, como o principal produto, mas que se insere no interior da metodologia e da interpretação da obra do “velho Marx” contraposta a do “jovem”. “Este grupo de estudos que se reuniu intermitentemente por quase uma década, além de *O capital* e outros textos de Marx, estudou as obras dos maiores expoentes do marxismo como Hilferding e Rosa Luxemburgo, mas, apesar de que vários membros do grupo exercessem uma certa militância política, a obra de Lênin não foi considerada. O trabalho de doutorado de José A. Giannotti (1965) de alguma forma representa o mais importante esforço de reflexão em torno da obra de Marx ligado mais diretamente ao Seminário de Marx. Igualmente as introduções de Fernando Henrique Cardoso e as conclusões de Octávio Ianni a seus trabalhos de doutorado refletem os *debates metodológicos* sobre a obra de Marx”. E, como já vimos, o grupo de estudos de *O Capital* não se apresentava de forma homogênea. Haja vista que “As diferenças filosóficas internas entre os participantes se dividem entre uma forma de leitura de influência *fenomenológica e estrutural*, proposta por Giannotti, e outra mais influenciada por Sartre e Lukács, orientada mais no sentido de uma *antropologia fundante*. As diferenças no nível político (o grupo incluía desde membros do Partido Comunista a militantes trotskistas) aparentemente não afetaram o debate intelectual, o que representa, considerando a perspectiva da época, um feito impressionante”.<sup>27</sup>

Acredito, pois, que *Origens* de Giannotti é a primeira incursão pormenorizada da filosofia de Feuerbach. Não importa aqui os acertos dessa incursão, principalmente, nas relações do autor de *Princípios da Filosofia do Futuro* com as posições do Jovem Marx, em 1843. Importa o seu rigor metodológico e a lente que proporciona ao analisar páginas e páginas de ambos filósofos. Como vimos, vários autores apontaram para a importância dessa empreitada teórica dos intelectuais paulistas em reexaminar a produção de Marx, pois, como adverte Sorj, “(...) pela primeira vez no Brasil, e quiçá na América Latina, a um grupo de cientistas sociais com sólida formação acadêmica, identificados com o socialismo, desenvolve um conhecimento profundo da obra de

---

<sup>27</sup> SORJ, Bernardo. *A Construção intelectual do Brasil contemporâneo*. In *Op. cit.*, p. 19. Grifos nossos.

Marx, o qual aplicaram em suas disciplinas, com simpatia, mas de forma não-sacralizante. Isto, uma década antes de Althusser<sup>28</sup> introduzir a moda de reler Marx no mundo acadêmico europeu”.<sup>29</sup> Esta assertiva também se encontra na avaliação positiva dada pelo filósofo francês Gérard Lebrun do significado no âmbito do marxismo acerca de *Origens da Dialética do Trabalho*, apresentada à época do concurso de livre-docência na Universidade de São Paulo, em 1965. “É pena que o livro de José Arthur Giannotti, pronto há mais de um ano, somente seja entregue ao leitor brasileiro depois da última publicação de Althusser sobre Marx; é pena além do mais que o público francês venha a conhecê-lo ainda mais tarde. De fato, é uma pena; pois se me pedirem para citar, dentre os livros recentemente dedicados a Marx, os dois me parecem ao mesmo tempo mais inovadores e rigorosos, responderia: Althusser e Giannotti.”<sup>30</sup>

Ainda que seja uma leitura anterior ao “descobrimento” de Gramsci e das dimensões políticas e culturais da luta de classes, ela é excepcional no contexto de uma sociologia marxista, que no mundo todo, até os anos 70, se identificava com as versões soviéticas ou com o ‘marxismo dos cristãos e dos nacionalistas radicalizados, dos quais este grupo explicitamente buscou diferenciar-se’. (Entrevista com J. A. Giannotti).<sup>31</sup>

Em *Seqüências Brasileiras*, o crítico literário Roberto Schwarz reflete sobre a experiência do Seminário de Marx, com a vantagem de ter participado dos estudos regulares de *O Capital*, analisa e recupera a história do grupo destacando sua necessidade histórica – o combate contra a vulgata stalinista, a novidade histórica inscrita pela revolução cubana, a denúncia dos crimes e das mistificações de Stalin no XX Congresso do PC russo, em 1956 –, o formato de suas reuniões e composições, mais ainda, articula os produtos teóricos sobre a natureza do capitalismo brasileiro e as proposituras políticas de suas mais significativas figuras. Dispõe sua leitura e

---

<sup>28</sup> Em sua *História do Estruturalismo/I* (São Paulo: Ensaio/Campinas: Unicamp, 1993: 329) o historiador François DOSSE destaca que a “explosão althusseriana” foi uma tentativa de “(...) colocar o marxismo no centro da racionalidade contemporânea ao preço de seu desligamento da práxis, da dialética hegeliana, a fim de suplantá-la em uso, fundada num economicismo mecânico”. Do prisma estruturalista, Althusser se ancora numa posição anti-humanista, cujo “afastamento do referente adquire a forma de um ‘corte epistemológico’, segundo o modelo de ruptura de Bachelard. Esse corte efetua a divisão entre ideologia, de uma parte, e ciência, de outra, encarnada pelo materialismo histórico”.

<sup>29</sup> SORJ, B. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. In *Op. Cit.*, p. 19.

<sup>30</sup> LEBRUN, Gérard *apud* GIANNOTTI, J. A. *Origens da Dialética do Trabalho*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

<sup>31</sup> SORJ, B. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. In *Op. cit.*, p. 19-20.

perspectiva do significado histórico desse dispositivo indiretamente atrelado ao departamento de filosofia da USP.

“Qual a origem do Seminário? Como tudo que é antediluviano, ela é nebulosa e há mais de uma versão a respeito. Giannotti conta que na França, quando bolsista, frequentou o grupo *Socialisme ou Barbarie*, onde ouviu as exposições de Claude Lefort sobre a burocratização da União Soviética. De volta ao Brasil, em 1958, propôs à sua roda de amigos, jovens assistentes de esquerda, que estudassem o assunto. Fernando Novais achou que era melhor dispensar intermediários e ler *O capital* de uma vez. A anedota mostra a combinação heterodoxa e adiantada, em formação na época, de interesse universitário pelo marxismo e distância crítica em relação à URSS. Quando o seminário começou a se reunir, as figuras constantes eram Giannotti, Fernando Novais, Paul Singer, Octavio Ianni, Ruth e Fernando H. Cardoso. Com estatuto de aprendiz, apareciam também alguns estudantes mais metidos: Bento Prado, Weffort, Michael Löwy, Gabriel Bolaffi e eu. A composição era multidisciplinar, de acordo com a natureza do assunto, e estavam representadas a filosofia, a história, a economia, a sociologia e a antropologia. Vivíamos voltados para a universidade, mas nos reuníamos fora dela, para estudar com mais proveito, a salvo da compartimentação e dos estorvos próprios à instituição. O ambiente era de camaradagem, muita animação, e também de rivalidade.”<sup>32</sup> Roberto Schwarz – que também detonará o artífice do Seminário de Marx e se converterá em uma espécie de *dissidência* no interior da *analítica paulista* – também nos revela como funcionava o *modus operandi*, a periodização das discussões sistemáticas da leitura da obra de Marx, a influência da diferenciação da escala social.

Paulo Eduardo Arantes, fino e denso filósofo uspiano, desvela a importância do grupo liderado por Giannotti e traça as características comuns que perfilam a identidade dos seus membros: “Em resumo, da plataforma da nova geração uspiana constava: repúdio ostensivo do marxismo dito soviético, inclusive por uma questão de política cultural, saneando a cultura marxista local, cuja independência, a ser preservada,

---

<sup>32</sup> SCHWARZ, Roberto. *Seqüências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 87. O crítico literário também enfatiza os limites da influência teórica dos seminários na política nacional, haja vista que “O grupo deu vários professores bons, que escreveram livros de qualidade, e agora viu um de seus membros virar presidente da República. Naturalmente não imagino que o marxismo nem muito menos o nosso seminário tenham chegado ao poder. Mas mal ou bem é possível reconstituir um caminho que levou da Faculdade de Filosofia da rua Maria Antônia e daquele grupo de estudos à projeção nacional e ao governo do país. Embora propício a deduções amalucadas, é um tema que merece reflexão”.

construíra-se, no entanto, à base de falsas analogias e muita regressão teórica – enfim, *desasnar os marxistas brasileiros*, como se propôs então, com a natural fatuidade dos recém-chegados ao circuito universitário internacional; em conseqüência, não parecendo razoável mandar às favas, sem mais, um século de ciência social acadêmica, rejuvenescer o marxismo, que de catecismo voltaria a ser forma inspiradora de conhecimento vivo, graças também ao esforço de legitimá-lo no terreno adverso da respeitabilidade científica; e como ponto de partida e horizonte conclusivo, refazer radicalmente o diagnóstico da síndrome brasileira de origem, do complexo colonial a nossa inserção oblíqua e subordinada no sistema mundial do capitalismo contemporâneo. Se tudo corresse bem, cedo ou tarde o resultado se apresentada sob a forma de uma plataforma de observação que, reunindo o particular ao geral, converteria a situação calamitosa de dependência em ponto de vista objetivo com voz no capítulo.”<sup>33</sup>

A reflexão rigorosa transformada no ensaio “Lendo *O Capital* em São Paulo” é, talvez, o esforço mais consistente em buscar as determinações específicas constitutivas do movimento teórico que se pôs em fins da década de 50 em nossa cidade, ou seja, o esforço de apreensão filosófica feita por Paulo Arantes em sua reconstituição da trajetória do departamento de filosofia da USP. Porquanto, “até hoje, para muitos veteranos do Seminário Marx *filosofia é explicação de texto* (filosófico, evidentemente) especializada em *questões de método*. Noutras palavras, os filósofos que conheceram atuando na leitura em conjunto do *Capital* eram antes de tudo profissionais que estudavam metodicamente filosofia. Inútil lembrar que tudo era francês: métodos, técnicas e temas. Como também as duas disciplinas básicas: a *História da Filosofia*, professada segundo o velho princípio espiritualista da ‘compreensão interna’ porém na sua derradeira versão, dita ‘estruturalista’, entre outras coisas, por neutralizar a questão da verdade material das doutrinas, em favor de sua significação arquitetônica-argumentativa; e a *Epistemologia*, dominada na época pelo magistério de Gilles-Gaston Granger, cuja filosofia do Conceito antecipava em mais de um ponto a nova filosofia francesa dos anos 60. Ora, os filósofos presentes simplesmente cumpriram com a

---

<sup>33</sup> ARANTES, Paulo E. *Um Departamento francês de Ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 238-239.

obrigação, a julgarmos pelo único protocolo do Seminário, redigido e publicado por Giannotti.”<sup>34</sup>

Na polêmica atual com seus antigos alunos e, atualmente, hostil aos marxismos, Giannotti não considera a experiência dos seminários de estudos sobre *O Capital* como um fato seminal. Em sua entrevista publicada, em 2009, na obra comemorativa *Retrato de Grupo – 40 anos de CEBRAP*, ele refaz sua trajetória e explica como a apreciação positiva de Granger veio com a turma da qual fazia parte. “(...) Tínhamos nos encantado com Granger e com a epistemologia francesa. A nosso pedido ele deu três anos de lógica, e tivemos cursos paralelos em que fomos estudar o que era possível em epistemologia. Quando Granger voltou para a França, eu o segui e passei um ano letivo em Rennes.”<sup>35</sup>

Em verdade, polarizamo-nos com a *analítica paulista*, do prisma ontológico que consubstancia todas as obras de Marx – opondo simplesmente os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* a *O Capital*, de um certo “jovem Marx” que é ultrapassado por um “Marx maduro” –, mas sim que são momentos específicos dos anos formativos, meados de 1843 a 1847, período no qual Marx modela, desdobrando com sua propensão à objetividade que caracteriza sua ruptura com o idealismo ativo e a defesa da concepção positiva da politicidade, especificando seus lineamentos ontológicos do ser social<sup>36</sup>, nos quais a individualidade humano-societária sempre se dispõe por meio da atividade prática sensível. À práxis jamais se elide o papel ativo dos momentos ideais, “enquanto tal irredutível ou incontornável em todas as entificações da mundanidade do homem: desde os complexos polimorfos do metabolismo social com a natureza, até as atualizações mais evanescentes, levadas a efeito nos diferenciados escaninhos da espiritualidade, não importando os graus de contraditoriedade, nem os índices de negação, desefetivação ou destruição dos próprios indivíduos humanos com que todos esses processos mutantes são realizados, mas que, por isso mesmo, põem em evidência a *dimensão negativa do trabalho* sob as matrizes sociais do estranhamento,

<sup>34</sup> Trata-se evidentemente, como ele anota, da obra de GIANNOTTI, J. A. “Notas para uma Análise Metodológica de *O Capital*” In *Revista Brasiliense*, nº 29. São Paulo, 1960. Grifos nossos.

<sup>35</sup> GIANNOTTI, J. A. *Retrato de Grupo – 40 anos de CEBRAP*. Flávio Moura e Paula Montero (orgs.). São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 54.

<sup>36</sup> Está claro que nos apoiamos na lente do filósofo húngaro G. LUKÁCS (1885-1971) da *Ontologia do Ser Social* (obra que está sendo preparada pela Boitempo Editorial) e nas contribuições de J. Chasin (1937-1998) sobre o estatuto ontológico da obra marxiana.

mérito e originalidade da determinação marxiana (...) uma vez que ao limite é impossível a qualquer elaboração cognitiva se manifestar escoimada de toda e qualquer dimensão ontológica, por mais falsa, de ordem inferior ou indeliberada que a mesma seja.”<sup>37</sup>

Em resenha intitulada “O neto corrige o avô”, publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, o crítico literário Roberto Schwarz<sup>38</sup>, o *neto* em questão rememora que o Seminário de Marx pode ser atribuído em grande parte à disposição vanguardista do *avô*. Todavia, de posse da renúncia giannottianna à filosofia de Marx, mesmo que na forma de “marxismo adstringido”, a leitura da obra *Certa herança marxista*, para Schwarz, simplesmente é decepcionante. O *neto*, mais uma vez, remete ao período da criação do grupo de estudos de O Capital, para revelar o viés estruturalista que já contaminava o *avô* e, conseqüentemente, o grupo todo. Schwarz reafirma a importância dessa iniciativa no que ela tinha de inovadora, impulsionando e estimulando a formação de novos grupos de estudos marxistas (que não era meramente um fenômeno local, mas mundial), assim como hostilizavam a mediocridade do marxismo soviético e dos dirigentes do PCB. É bom frisar que nas universidades não se professava uma analítica que pusesse em questão os próprios horizontes da academia e impulsionasse uma analítica versada em crítica do capitalismo brasileiro. O crítico investe contra o criador do Seminário de Marx, mostrando para o seu conservadorismo e, de certo modo, o cipoal metodológico que Giannotti se embrenhou e do qual não encontra uma saída concreta. Giannotti simplesmente regride, na opinião do crítico, e apresenta um certo “fim da história”, o capitalismo se apresenta como uma forma sempre imperfeita, mas ainda a melhor no modo de produção de riquezas. Mas, é precisamente nesse ponto que Giannotti se volta contra a dialética e a perspectiva revolucionária de Marx.

Ao confundir a dialética com “Lógica conceitual”, Giannotti reduz a filosofia de Marx ao absurdo – o tal *misticismo lógico*, absurdo que muitos andam a brandir por aí –

<sup>37</sup> CHASIN, J. “Ad Hominem – rota e prospectiva de um projeto marxista”. *In Op. cit.*, p. 12.

<sup>38</sup> Roberto Schwarz ao resenhar *Certa herança marxista* aponta para a incompreensão do criador do Seminário de Marx” acerca das contribuições da Escola de Frankfurt: “Segundo Giannotti, os frankfurtianos não se interessam pela dialética entre relações sociais de produção e desenvolvimento das forças produtivas (...). Ora, essa dialética não só está no centro da teoria da arte moderna de Benjamin e de Adorno como foram eles que consubstanciaram a sua relevância para a análise estética e ideológica de nossos dias”. *Folha de S. Paulo*, 04 de março de 2001.

da dialética da tese/antítese/síntese. Como se Marx promoveria por meio de automovimentos da razão a destilação das categoriais reais. Seria, nesse caso, o autor de *O Capital*, um idealista puro! Basta ler as páginas de *A miséria da filosofia*, aonde Marx mostra o absurdo da apropriação indevida (para o conhecimento ontológico) de Proudhon quando, aí sim, situa-o no interior da dialética hegeliana. A processualidade da lógica conceitual levaria por si à síntese dos momentos anteriores, superando-os e também conservando e ultrapassando-os numa etapa progressiva. “Se possuíssemos a intrepidez do Sr. Proudhon em matéria de hegelianismo, diríamos que a razão pura se distingue em si mesma, de si mesmo. Que significa isso? Como a razão impessoal não tem, fora dela, nem terreno sobre o qual possa assentar-se, nem objeto ao qual se possa opor, nem sujeito com o qual possa combinar-se, vê-se forçada a dar viravoltas, situando-se em si mesma, opondo-se a si mesma e combinando-se consigo própria: posição, oposição e combinação. Falando em grego, temos a tese, a antítese e a síntese. Quanto aos que desconhecem a linguagem hegeliana, lhes diremos a fórmula sacramental: afirmação, negação, negação da negação.”<sup>39</sup>

Roberto Schwarz também volta suas baterias contra esse “resíduo” místico imputado ao pensamento de Marx: “Isso faz dela um resíduo hegeliano e um erro de lógica? Por que não uma oportunidade real, derrotada no campo dos fatos? Ou, ainda, uma aspiração a que o capitalismo não cessa de alimentar, embora lhe modifique os termos? A exposição é vacilante nesses pontos decisivos. E por que não inverter a direção do raciocínio e imaginar que as próprias idéias hegelianas de contradição e superação tenham algo a ver com os movimentos da sociedade contemporânea? É a hipótese materialista, ausente do livro”.

Emir Sader também se posicionou sobre o Seminário de Marx, mas não apenas, deteve-se também sobre o legado desses intelectuais paulistas e, em especial analisando a função social da “Teoria do Autoritarismo” na obra de FHC. Em “Nós que amávamos tanto *O Capital*”, Sader examina as contribuições de Roberto Schwarz, afirmando que “Sua leitura possibilita ver como havia mundos diferentes buscados naquelas leituras detidas de *O Capital*. Não posso falar senão como participante da segunda geração do seminário, aquela que teve a participação do próprio Roberto [Schwarz], de Ruy Fausto,

<sup>39</sup> MARX, Karl. *Miséria da filosofia*. Tradução revisada J. Paulo Netto. São Paulo: Grijalbo, 1976, p. 101.

Emília Viotti, Marilena Chauí, Sergio Ferro, João Quartim, Francisco Weffort, Lourdes Sola, Cláudio Volga, Albertina Costa, Paulo Sandroni e Beth Milan, entre outros. Sucedendo à primeira, tinha um esquema parecido – leitura de cerca de cinquenta páginas a cada duas semanas, valendo-se da diversidade de formação dos participantes num marco de homogeneidade geral em torno do marxismo. Um seminário que transcorreu plenamente nos anos 60 e que ajuda, por isso, e pela sua composição, a compreender um pouco o clima intelectual daquela década em São Paulo, na USP e na Maria Antonia, em particular”.<sup>40</sup>

O sociólogo anota as razões de tal investidura, assim como no concernente ao primeiro, o segundo seminário de estudos de *O Capital* também combatia a vulgata marxista disseminada pelo PCB, alinhava-se aos trunfos da revolução Cubana, empenhava-se no grito contra a guerra do Vietnã, buscava a afirmação do marxismo heterodoxo na própria Universidade de São Paulo.

De sua parte, Paulo Arantes investiu de modo contundente ao que considera como posição *reacionária* dos seus diletos companheiros de departamento, mas também de seus pontos de vista. Com a ascensão de um deles ao poder, o criador do CEBRAP, Fernando Henrique Cardoso, e no seguimento a política adotada, de franco alinhamento às posições do FMI, dos interesses do grande capital, das necessidades da acumulação financeira, rápida e destrutiva, os antigos companheiros resolvem ir ao contra-ataque. Não que não estivessem com razão. FHC praticou aquilo que mais condenava como a falta de moralidade na esfera política, comprando votos de pretensos aliados para a sua continuidade no poder, com a alteração jurídica da introdução da reeleição presidencial. Recorde-se que o *valerioduto* começou sob a sanha do PSDB mineiro. Gerando aquela promiscuidade típica das *zonas cinzentas* da camaradagem. Mais ainda, no âmbito das fusões, da privatização das estatais, os antigos admiradores e companheiros – no que tinham inteira razão – ficaram estarrecidos. Preferiram se alinhar ao Partido dos Trabalhadores. Recorde-se que o próprio Giannotti havia assinado a ata de fundação do PT, mas com o sumiço desta, é o que afirma, preferiu também não se comprometer com a agremiação.

Numa síntese rigorosa sobre a produção da *analítica paulista*, José Chasin

<sup>40</sup> SADER, Emir. “Nós que amávamos tanto O Capital. (Fragmentos para a história de uma geração)”. *Praga – revista de estudos marxistas n.º 1*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996, pp. 73-74.

apontou para os mesmos contornos teóricos que armam o tecido da crítica da dissidência aos antigos companheiros sejam à época do Seminário de Marx, seja no interior do CEBRAP. É interessante observar que se num momento do novo alinhamento temos, da posição social-democrata liderada por FHC, Giannotti, Weffort (antigo secretário geral do PT), José Álvaro Moisés, Vilmar Faria, entre outros, da parte petista, temos Francisco de Oliveira (depois funda o PSOL), Paul Singer (ocupa na atualidade a Secretaria da Economia Solidária), Roberto Schwarz, Michael Löwy, entre outros. Cabendo destacar que mesmo à distância, o filósofo Ruy Fausto, aparentemente em choque com a analítica paulista, se alinha as mesmas posições democratizantes: “Ao contrário do que aconteceu com parte da esquerda no início dos anos de 1930, é improvável que, uma vez alertada pela experiência trágica do século XX, ela embarque de novo na canoa furada do totalitarismo, pseudoalternativa de horror ao sistema em crise. A crise do capitalismo do século XXI não pode alimentar o totalitarismo, nem o leninismo que lhe serve de antessala. Se ela põe na ordem do dia alguma coisa, esta só pode ser o projeto de um socialismo democrático”.<sup>41</sup> E, qual seria a diferença dessa defesa do socialismo democrático com as de Giannotti?

A crítica de Roberto Schwarz e Paulo Eduardo Arantes dirigida em especial a Giannotti, mas que não se resume a ele, é a de que “o marxismo da *analítica paulista* se teria revelado estreito em seu feitiço científico, pecando por não ter feito a crítica do capitalismo a partir do fetichismo da mercadoria e também por haver ignorado a reflexão frankfurtiana. À primeira vista, objeções contundentes e de largo espectro que, todavia, logo mostram seus limites, ao darem por esfera morta do pensamento marxiano o que chamam de ‘ontologia positiva do trabalho’, expressão duplamente imprópria com a qual reiteram o próprio defeito originário da versão marxista configurada pela corrente. Se no passado esse equívoco foi produzido por *via epistêmica* e agora, mais vagamente, parece resultar de imperativo crítico, essa mudança de prisma não altera em nada a questão de fundo, nem retifica o sentido da expressão usada, pois em Marx não há uma *ontologia do trabalho*, ou seja, uma composição ontológica urdida,

---

<sup>41</sup> FAUSTO, Ruy. *Outro dia*. Intervenções, entrevistas, outros tempos. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. XVI.

supostamente, a partir de um igualmente hipotético *paradigma do trabalho*, nem muito menos qualquer ontologia do trabalho restrita à sua positividade”.<sup>42</sup>

Ora é aí que polarizamos com a dissidência da *analítica paulista*, nos posicionando do prisma ontológico que deriva das obras de Marx – que não opõem simplesmente os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* a *O Capital*, de um certo “jovem Marx” que é ultrapassado por um “Marx maduro” –, mas sim que nos anos formativos, meados de 1843 a 1847, o filósofo modela – desdobrando com sua propensão à objetividade e que caracteriza sua ruptura radical com o idealismo ativo e a concepção *positiva* da politicidade – expõe seus lineamentos ontológicos do ser social<sup>43</sup>, nos quais a individualidade humano-societária sempre se dispõe por meio da atividade prática sensível. À práxis jamais se elide o papel ativo dos momentos ideais, “enquanto tal irredutível ou incontornável em todas as entificações da mundanidade do homem: desde os complexos polimorfos do metabolismo social com a natureza, até as atualizações mais evanescentes, levadas a efeito nos diferenciados escaninhos da espiritualidade, não importando os graus de contraditoriedade, nem os índices de negação, desefetivação ou destruição dos próprios indivíduos humanos com que todos esses processos mutantes são realizados, mas que, por isso mesmo, põem em evidência a *dimensão negativa do trabalho* sob as matrizes sociais do estranhamento, mérito e originalidade da determinação marxiana (...) uma vez que ao limite é impossível a qualquer elaboração cognitiva se manifestar escoimada de toda e qualquer dimensão ontológica, por mais falsa, de ordem inferior ou indeliberada que a mesma seja”.<sup>44</sup>

Se a dissidência reclama a ausência de reflexões que se amparem no fetichismo da mercadoria, há que lembrar que Giannotti ao caracterizar o seu esforço dirá em troca que um dos cerne de seu pensamento é a crítica à reificação. O que fica comprometido ao se alinhar à perspectiva de Wittgenstein que não opera com a categoria de contradição real. Portanto, a apreensão e composição dos jogos de linguagem, verbais ou não-verbais, ficam na apresentação das formas aparentiais e, desse modo, da crosta

<sup>42</sup> CHASIN, J. “Ad Hominem – rota e prospectiva de um projeto marxista”. *Revista Ensaio Ad Hominem*. Tomo I - Marxismo. Santo André/SP: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, p. 12.

<sup>43</sup> Está claro que nos apoiamos na lente do filósofo húngaro G. Lukács (1885-1971) da *Ontologia do Ser Social* (obra que está sendo preparada pela Boitempo Editorial) e nas contribuições de J. Chasin (1937-1998) sobre o estatuto ontológico da obra marxiana.

<sup>44</sup> CHASIN, J. “Ad Hominem – rota e prospectiva de um projeto marxista”. *In Op. cit.*, p. 12.

reificadora proporcionada pela inversão da lógica do capital. *O trabalho morto que se apodera do vivo!* Na famosa síntese de Marx, para situar que no sociometabolismo do trabalho, o passado governa o presente, o mundo objetivado pela lógica onímoda do trabalho alienado e estranhado repõe continuamente os pressupostos do metabolismo, perpetuando a extração de mais valor e repondo continuamente as mesmas relações sociais de produção.

E o que dizer das carências e insuficiências sentidas pela dissidência. Para os intelectuais da analítica paulista, Giannotti desconsiderou, entre outras dimensões, as contribuições da Escola de Frankfurt. Todavia, Chasin, de posse do estatuto ontológico do pensamento de Marx, rebateu com propriedade esse “parâmetro crítico” faltante para a crítica do capitalismo: “O caráter da reflexão frankfurtiana, para se ater ao mínimo, em que pesem os méritos de certos veios críticos de seu trabalho e os traços cativantes de algumas de suas personalidades, não favorece a recuperação do espírito e dos traços peculiares da analítica marxiana, desde logo pela sua arraigada desconfiança em relação aos procedimentos ontológicos e também pelo seu característico ceticismo prático, especificidades ambas a um tempo causa e efeito recíprocos de sua postura básica, cuja atmosfera, em geral e num plano superior, faz lembrar das ilusões e insuficiências neo-hegelianas de meados do século passado, em particular as engendradas pelo feitio de sua *crítica absoluta*, marcada pelo *dom* excêntrico de erradicar a *falsidade real* pela autoconsciência racional, e a crença indefectível nas virtudes da política”.<sup>45</sup>

Dessa forma, uma espécie de neokantismo passa a reger a cabeça de nosso filósofo da analítica paulista: não se trata mais de *contradição real* – que corresponderia a uma resolução de síntese mais avançada, no sentido hegeliano, não marxiano –, mas sim de contrariedade.

Em nossa consideração – que acreditamos estar em consonância com os lineamentos ontológicos do pensamento de Marx e nas reflexões dos complexos categoriais que Lukács desenvolveu em sua *Para uma ontologia do ser social* –, polarizamos com relação ao ecletismo metodológico da sociologia brasileira, mas algo que atinge amplamente os estudos históricos. O ecletismo visa à reunião de tendências epistêmicas assimétricas, diametralmente opostas, mas que – mutiladas, fragmentadas,

---

<sup>45</sup> CHASIN, J. “Ad Hominem – rota e prospectiva de um projeto marxista”. *In Op. cit.*, p. 13.

aparadas e recortadas – se anuncia como um caldeirão de porções teóricas que supõe a compreensão dos objetos históricos. Lukács combateu essa *pseudo* busca de *cientificidade* identificada a uma miscelânea de posições filosóficas que, no fundo, não se harmonizam como seus autores, em sua subjetivação extremada que cai no mais banal especulativismo. Segundo o filósofo húngaro, essa miscelânea identificada a método científico, mas que recusa qualquer procedimento ontológico, propõe-se “o negar as contradições da vida ou – o que é a mesma coisa – o contrapor entre si, de maneira superficial, rígida e carente de mediações, determinações contraditórias. Ademais, este ecletismo se veste com roupas tanto mais suntuosas quanto mais for vazio. Quanto mais se mascara de ‘crítico’ e ‘revolucionário’, tanto maior é o perigo que representa para as massas trabalhadoras cuja revolta é ainda confusa”.<sup>46</sup>

Ora, com o avanço da ciência no mundo produtivo e o domínio da pesquisa tecnológica pelas grandes empresas, a consciência de classe do trabalho se vê amputada. Como se o trabalhador não pudesse mais ultrapassar, por meio de sua consciência totalizadora, o fetichismo da produção que opera continuamente em seu cotidiano. Em suma, para o dissidente da analítica paulista, Giannotti força a mão, produzindo uma derrapagem que faz abstração da história social, das lutas sociais que se desenvolveram entre trabalho e capital, detecta a ausência de revoluções no pensamento de Giannotti. O “avô” – ante a queda das sociedades pós-revolucionárias e que não superaram o capital – em outras ocasiões, constatará que até hoje a humanidade ainda não inventou um novo modo de produzir riquezas como o capital. Permanece no âmbito da crítica e resignação!

---

<sup>46</sup> LUKÁCS, G. *Lukács: sociologia n.º 20*. Coleção grandes cientistas sociais. José Paulo Netto (org.). São Paulo: Ática, 1981, p. 119.